

SEVERANCE: SUBJETIVIDADES FLUIDAS, CORPOS EM TRÂNSITO**SEVERANCE: FLUID SUBJECTIVITIES, BODIES IN TRANSIT**Isabela Vieira BERTHO¹

RESUMO: Neste artigo a narrativa da primeira temporada da série televisiva *Severance* (2022) é analisada a partir da perspetiva do pós-humanismo crítico. Tendo como elemento central a representação da *ruptura* das consciências, o artigo divide-se em duas seções. Na primeira investiga-se (1) as interações entre os seres humanos e a tecnologia no neoliberalismo; (2) a produção de subjetividades e sujeitos em *devir* e (3) a representação do biopoder. Na segunda seção a partir de um detalhe da narrativa e analisa-se a utilização da ruptura durante o parto através de uma perspetiva de género, elencando as relações de poder e construção de identidades. Conclui-se que ao levar ao extremo a interação entre o ser humano e a tecnologia, *Severance* possibilita pensar nas relações de poder vigentes e nos caminhos para a emancipação dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-humanismo. Subjetividades. Neoliberalismo. Biopoder. Género.

ABSTRACT: In this article we analyze the narrative of the first season of the television series *Severance* (2022) from the perspective of critical posthumanism. Based on the representation of consciousness *severance*, the article is divided in two parts. In the first, we explore (1) the interactions between human beings and technology in the neoliberal context; (2) the production of subjectivities and subjects in *becoming* and (3) the representation of biopower. In the second part, we look at a small narrative aspect and analyze the use of severance during childbirth from a gender perspective, highlighting power relations and the construction of identities. We conclude that by taking the interaction between human beings and technology to the extreme, *Severance* makes it possible to reflect about current power relations and the paths towards subjects' emancipation.

KEYWORDS: Posthumanism. Subjectivities. Neoliberalism. Biopower. Gender.

Introdução

Severance (2022) é uma série americana dos realizadores Ben Stiller e Aoife McArdle. Em sua primeira temporada², ao trazer à tona a temática da interconectividade entre o humano e a tecnologia, *Severance* interroga acerca das noções do “ser humano” e flerta com uma crítica ao neoliberalismo e a sociedade do controlo, dimensões analisadas nesse artigo à luz do pós-humanismo crítico.

1. Mestre em Sociologia pela Université de Genève, em Genebra, na Suíça. Atualmente cursa o doutoramento em Estudos Comparatistas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Lisboa, Portugal. E-mail: isabelabertho@edu.ulisboa.pt. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9657-8605>.

2. A segunda temporada de *Severance* foi lançada em janeiro de 2025.

Ambientada em uma cidade fictícia chamada Kier em algum lugar no interior dos Estados Unidos da América, *Severance* narra a história de personagens que trabalham nas Indústrias *Lumon*, corporação que desenvolveu um procedimento tecnológico que promove uma cisão cognitiva entre o mundo do trabalho e a vida pessoal. Algumas/uns funcionárias/os voluntariamente optam por realizar o procedimento e têm seus universos cindidos: dentro do ambiente de trabalho, realizam misteriosas atribuições e interagem com outros colegas. Fora do ambiente de trabalho, desconhecem o trabalho que fazem, mas possuem outras vivências e preservam essas memórias de suas vidas privadas. Chamado de *severance* ou ruptura, o procedimento é dito como irreversível e é realizado através da inserção de um *chip* no cérebro que é ligado ou desligado no elevador de acesso às Indústrias *Lumon*.

Inicialmente a separação entre os universos parece tentadora: não recordar do que acontece no trabalho e permanecer somente com as lembranças e vivências das horas livres, sem preocupações laborais. Contudo, ainda no primeiro episódio, percebemos que a ruptura não promove unicamente a separação das memórias e vivências. Ao realizarem o procedimento, as personagens têm suas consciências e subjetividades fragmentadas, dando origem ao que são chamados de *innies*, ou os “eu” internos e que pertencem exclusivamente ao mundo do trabalho. A ruptura origina novos sujeitos com subjetividades, interesses e desejos que nem sempre correspondem aos daqueles mesmos sujeitos no mundo externo, doravante denominados de *outies*.

Na trama da série, no setor de *Macrodata Refinement*, estão inseridos as/os principais personagens: Mark S. (Adam Scott), Dylan (Zach Cherry) e Irving (John Turturro). Com a chegada de uma nova funcionária, Helly R. (Britt Lower), a ordem até então estabelecida se altera. A *innie* de Helly R., ao contrário de sua *outie*, não aceita a sua existência restrita ao trabalho e passa a questionar seus colegas sobre a ruptura. Durante os episódios, as/os *innies* passam a confrontar as Indústrias *Lumon*, questionando a estrutura do trabalho e o confinamento delas/es a este universo. A separação das consciências faz com que os *outies* passem despercebidos dessas insatisfações. A trama se torna sombria quando o controle que as Indústrias *Lumon* possuem sobre as/os funcionárias/os submetidas/os à ruptura se evidencia.

Durante a série, nota-se que o *chip* da ruptura está sendo utilizado por mulheres no momento do parto, fragmentando essa vivência. A irmã de Mark S., Devon, personagem que não passa pela ruptura, descobre que uma mulher utilizou o *chip* durante o parto, de modo que sua memória e a vivência dessa experiência está cindida. Apesar de surgir sutilmente entre os episódios e que não seja essencial à narrativa, esse detalhe convida à análise, pois acrescenta uma nova interação entre os seres humanos e a tecnologia marcada pela perspectiva de gênero.

Em um cenário que mescla a tecnologia de ponta a um ambiente de trabalho que nos remete aos anos 1960-70, *Severance* desloca a centralidade do humano. Embora possibilite diversas abordagens, neste artigo foram feitas duas escolhas na análise. A primeira consiste em centrar a investigação na narrativa da série e não em uma abordagem plástica. A série convoca a pensar conceitos do pós-humanismo crítico, de modo que a segunda escolha realizada, foi a

de uma abordagem que possui como fio condutor essa corrente de pensamento, que pretende, como proposto por Pramod Nayar em seu artigo na obra *Pós-humano – que futuro?* (Bernardino 2020) de pensar o ser humano enquanto indivíduo conectado ao todo e não mais fixo na posição de excecionalidade que lhe fora atribuída através do humanismo clássico.

O artigo divide-se em duas partes. A primeira aborda os principais elementos da narrativa da série, destacando a interconectividade entre os seres humanos e a tecnologia dentro da sociedade neoliberal. Observa-se ao longo dessa primeira parte, que a interconectividade resulta na produção de novas subjetividades e identidades, destacando que as mesmas podem ser pensadas num constante *devir* (Braidotti 2013; 2019). Aborda-se ainda os processos de alienação resultantes dessa interação entre o ser humano e a tecnologia no capitalismo avançado e os paralelos que podem ser traçados com a sociedade do controlo e do biopoder foucaultianos (Foucault 2007; 2012).

A dimensão de género leva a segunda parte do artigo, na qual a análise centra-se no detalhe da utilização do procedimento da ruptura durante a experiência do parto. Como dito anteriormente, embora não seja essencial à história, essa minuciosidade convoca à perspectiva de género, indo ao encontro de uma abordagem crítica do pós-humano, que promove a interseção entre diferentes correntes de pensamento. Investiga-se a utilização do *chip* enquanto mecanismo de controlo do corpo das mulheres e ferramenta de gestão da vida a partir da lógica do biopoder (Foucault 2007). O pensamento foucaultiano é, no entanto, ultrapassado através das perspectivas crítico feminista de autoras como Dona Haraway, Judith Butler e Rosi Braidotti.

Finalmente, conclui-se que, a partir do pós-humanismo crítico, a série enquanto produção audiovisual, permite pensar acerca das representações de aspetos vigentes na cultura e organização social.

O eu e o outro em mim

Figura 1 – Fotograma de Severance. Apple TV+



Uma tela preta. Uma voz masculina que parece sair de um rádio pergunta: *Quem é você?* Juntamente a um som que se aproxima bruscamente, a tela se ilumina. Em plano zenital, a cena de abertura de *Severance* mostra uma mesa de reunião comprida localizada no centro da imagem. Estirada sobre a mesa, em posição angular, a personagem Helly R. desperta ao som da voz que volta a perguntar: “Quem é você?”.

Embora possa provocar uma reflexão existencialista, remetendo à grandes questões, do Hamlet shakespeariano de 1623 à Neo em *Matrix* (2011), a pergunta é normalmente simples: quase sempre é possível dizer algo sobre si, ainda que a resposta não contemple a complexidade de quem se é. Na abertura de *Severance*, contudo, a questão ressoa, impossível de ser respondida. A cena segue com uma série de mais quatro perguntas destinadas à Helly R., às quais somente uma é parcialmente respondida. Helly R. percebe-se incapaz de responder algo sobre si.

A partir dessa cena, cuja composição: mesa marrom em contraste com cadeiras verdes sobre um tapete verde de outra tonalidade, remete à imagem de um *chip*, a narrativa de *Severance* é apresentada. Helly R., assim como seus colegas no setor de *Macrodata Refinement* nas Indústrias *Lumon*, foi submetida à ruptura. O procedimento, que consiste na inserção de um *chip* em seus cérebros – daí a imagem da abertura – resulta na cisão de suas memórias, separando suas vidas privadas de suas vidas no trabalho. Segundo as Indústrias *Lumon*, o objetivo da ruptura é o de melhorar a vida daquelas/es que a realizam, favorecendo o que chamam de *work/life balance*. Embutido nesse discurso, há a ideia de melhoria das qualidades humanas e o aumento da produtividade³.

As teorias pós-humanistas (K. Hayles, S. Vint, G. Agamben, R. Braidotti, P. Nayar, entre outros) que procuram repensar o sujeito humano e suas subjetividades, encontram eco nas representações culturais. Segundo Katherine Hayles (1999): “*culture circulates through science no less than science circulates through culture*” (Hayles 1999, p. 21), de modo que a literatura, o cinema e as artes em geral constituiriam um importante campo para questionar o humano, antecipando e identificando futuros possíveis. Para Sherryl Vint em *Bodies of Tomorrow* (2007) ao analisar obras literárias, a ficção científica constituiria ainda o local ideal para explorar as condições pós-humanas, particularmente no que envolve a crescente conexão entre os seres humanos e a tecnologia na modernidade. Para a autora, as histórias analisadas em seu livro sugerem:

[...] that the technologies we use may shape and change us in unanticipated ways. It is the ways that technology might change us – both planned and unimagined – that make it essential that we think critically about the posthumanism we embrace in the twenty-first century (Vint 2007, p. 16).

Severance, enquanto representação cultural, ao amalgamar elementos da ficção científica à uma narrativa por vezes misteriosa e angustiante, traz à tona questionamentos acerca do humano que podem ser pensados através das lentes pós-humanistas, a começar pelo *chip* da

3. Fora da ficção, a ideia de implantar um chip capaz de melhorar as capacidades humanas também existe, como proposto pelo Neuralink (<https://neuralink.com>).

ruptura. A inserção do *chip* no cérebro das/os funcionárias/os evoca a ideia do ciborgue, ser não mais exclusivamente humano, mas um híbrido homem-máquina, amplamente representado na cultura. No campo literário o ciborgue aparece em obras como *Frankenstein* de Mary Shelley (1818) à mais recentes como *Machines Like Me* de Ian McEwan (2019), no cinema com *A.I. Artificial Intelligence* (Steven Spielberg, 2001) e *I, Robot* (Alex Proyas, 2004) e nas séries de ficção científica como *Westworld* (Nolan, J., Joy, L., 2021) e *Black Mirror* (Brooker C., 2011-2023). Essas representações das interações homem-máquina têm contribuído na construção de um repertório cultural que coloca em xeque as fronteiras entre tecnologia, ciência e humanidade.

Em *Severance*, a metáfora do ciborgue pensada por Donna Haraway (1985) contribui para investigar as complexas relações entre corpos, tecnologias, identidades e ética. Em *O manifesto Ciborgue* (1985), Haraway argumenta que as fronteiras entre humano, animal e máquina estão cada vez mais fluídas:

As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado, podendo-se dizer o mesmo de muitas outras distinções que se costumavam aplicar aos organismos e às máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes (2009, p. 42).

O ciborgue de Haraway subverte as dicotomias natureza-cultura, humano-máquina, homem-mulher e convida a uma nova apreciação da realidade de maneira contínua e menos categorizada. A ideia do ciborgue entrelaça o ser humano e a máquina a tal ponto que não seria mais possível identificar separações entre ambos, impossibilidade essa que na modernidade resulta em sujeitos cada vez mais mediados pelas interações tecnológicas, num *continuum* entre natureza e cultura. No avançar do século XXI observa-se que o sujeito moderno se constitui em meio ao aumento das conexões em rede, a quase impossibilidade de distinguir o mundo virtual do mundo real e a interdependência entre eles. É ainda inegável a crescente utilização das tecnologias na materialidade do corpo: de próteses à cirurgias e implantes, ampliando o entrelaçamento homem-tecnologia. Segundo Sherryl Vint “*These and other technologies of body modification have put into crisis the boundaries among human, animal, and machine. Changes to the body are one of the spaces where the post- human may be literally made.*” (2007, p. 8).

Em *Severance*, o *chip* da ruptura, meticulosamente inserido no cérebro das personagens é o objeto que promove a interação material entre os humanos e a tecnologia, ocasionando a fragmentação das personagens. As personagens rupturizadas tem suas vidas e identidades fragmentadas: fora do ambiente de trabalho, as/os *outies* carregam as vivências e memórias constituídas até ali, enquanto as/os *innies*, sujeitos do e para o trabalho, nascem a partir da tecnologia *chip*. Por meio do acionamento do *chip* liga-se e desliga-se um dos sujeitos, originando uma nova consciência de si.

Enquanto nanotecnologia, o *chip*, traz para a representação visual a materialidade e agenciabilidade dos objetos (Brown 2011), aspetos que irão provocar a descentralização da constituição dos sujeitos de que fala Rosi Braidotti (2013) e as/os pós-humanistas críticas/os. Para

elas/es no lugar de um “eu” fixo, coeso e central, as subjetividades e os sujeitos pós-humanos seriam moldados por uma série de interações e relações com outras entidades, sejam elas biológicas ou tecnológicas:

Posthuman subjectivity is a transversal alliance that nowadays involves non-human agents. This means that the posthuman subject relates at the same time to the Earth – land, water, plants, animals, bacteria – and to technological agents – plastic, wires, cells, codes, algorithms. This transversal range reflects and sustains the posthuman convergence, so that the frame and scope of epistemological and ethical subjectivity is enlarged along the lines of posthumanist and post-anthropocentric relations and the multiple perspectives that inhabit them (Braidotti 2019, p. 78).

Além de destacar que a interação com a tecnologia por vezes produz resultados inesperados (Vint 2007), em *Severance* as subjetividades e identidades dos sujeitos podem ser observadas em um constante “devir”, para usar o conceito cunhado por Braidotti (2013). A autora defende a ideia de que o amálgama entre os seres humanos e o todo, e em particular entre os seres humanos e a tecnologia faria com que os sujeitos estivessem sempre num processo de devir, jamais finalizados. A construção de novas identidades provocada pelo *chip*, poderia se enquadrar nas palavras de Nayar (2020) “*num estado de perpétuo nascimento que nunca chega a estabilizar*”. Para o autor:

[...] o pós-humanismo crítico vê a complexidade do sistema humano, com os seus processos cognitivos/perceptivos e a sua consciência “única”, como resultando dessa imersão, onde a complexidade, com toda a organização interna e todas as suas operações, é *uma consequência da abertura ao meio*. Os sistemas, e aqui incluem-se os sistemas humanos, estão num estado de perpétuo nascimento que nunca chega a estabilizar porque são constantemente atravessados por fluxos de informação (2020, p. 169).

Ao ultrapassar a dimensão utilitária da tecnologia, e, portanto, a suposição de que as tecnologias estariam somente a serviço dos seres humanos, os sujeitos em *Severance* estão em constante transformação, num “*continuum*” (Braidotti 2013). Se inicialmente é o surgimento da/o *innie* que materializa esse devir, conforme a trama é aprofundada, observa-se que as/os *outies* também permanecem afetadas/os pela separação da consciência, passando a questionar suas escolhas e os significados da fragmentação. A conexão com a tecnologia afeta e transforma as personagens continuamente, fazendo com que suas subjetividades e os sujeitos sejam moldados numa perspectiva rizomática (Deleuze; Guatarri 2004), em articulação com o todo e em constante mutação, como propõe Braidotti: “*The knowing subject is not Man, or Anthropos alone, but a more complex assemblage that undoes the boundaries between inside and outside the self, by emphasizing processes and flows*” (2019, p. 77).

Braidotti (2013; 2019) traz ainda outra concepção para o pós-humanismo crítico que pode ser utilizada para analisar *Severance: Zoe*. O conceito refere-se a uma força vital comum e impessoal que permeia todos os seres, a vida em seu estado mais puro e elemental, desprovida de identidade ou individualidade, representando a interconectividade de todas as formas e refor-

çando a continuidade entre humanos, animais, plantas e máquinas. Esta perspectiva pós-antropocêntrica destaca que a vida não está mais centrada no humano e rejeita a excecionalidade atribuída pelo humanismo clássico às capacidades humanas (Nayar 2020). *Zoe* é entendida como uma força contínua e compartilhada que atravessa todas as entidades:

The relational capacity of the posthuman subject is not confined within our species, but it includes all non-anthropomorphic elements. Living matter – including the flesh – is intelligent and self-organizing, but it is so precisely because it is not disconnected from the rest of organic life. I therefore do not work completely within the social constructivist method but rather emphasize the non-human, vital force of Life, which is what I have coded as zoe (Braidotti 2013, p. 60).

Em *Severance*, essa ideia de fluidez surge na separação das consciências e tem como consequência os dois universos pelos quais os sujeitos transitam e re-criam-se: *zoe* passa através dos universos, como algo materialmente intangível. E, se a Vida – no sentido de Braidotti (2013) passa através, a ponte entre os sujeitos em *Severance* torna-se, ironicamente, o *chip* que os separa. O *chip* propõe um exercício, por enquanto ainda imaginativo, sobre o desenvolvimento tecnológico e as possíveis resultantes da intensificação das relações entre os seres humanos e a tecnologia, que na série possuem consequências sombrias, como será explorado a seguir.

O pressuposto defendido pelas Indústrias *Lumon* acerca da melhoria do ser humano através do *chip* encobre o facto da tecnologia estar nas mãos dos grupos detentores do capital, a família do Sr. Egan, fundador da empresa. Também não são todas/os as/os funcionárias/os que passaram pela ruptura: as/os superiores/es não se submeteram ao processo e permanecem integradas/os. Esses dois elementos, de um lado o monopólio da tecnologia e do outro a hierarquização e estratificação do trabalho entre aquelas/es que não passaram pela ruptura e aquelas/es que passaram, podem ser percebidos como indicativos dos interesses neoliberais das Indústria *Lumon*.

A dissociação entre as personagens dentro e fora do ambiente de trabalho somada às relações de trabalho estabelecidas entre as personagens que passaram pela ruptura e aquelas que não realizaram o procedimento, apontam para a expropriação do trabalho e a alienação dos sujeitos rupturizados. Segundo Marcelo Mattos “[...] é na própria materialidade das relações de trabalho (e de exploração) que os homens perdem o controle do que produzem, de como produzem e de por que produzem” (2019, p. 48). No limite, em *Severance*, a utilização da tecnologia dentro do modelo neoliberal desloca as subjetividades dos sujeitos, empurrando-as para uma materialidade que por sua vez, torna-se mercantilizada. Para Braidotti (2013), nas sociedades capitalistas avançadas, todas as formas de vida podem vir a ser mercadorias:

In substance, advanced capitalism both invests and profits from the scientific and economic control and the commodification of all that lives. This context produces a paradoxical and rather opportunistic form of post-anthropocentrism on the part of market forces which happily trade on Life itself (2013, p. 59).

Essa nova subjetividade e esse novo sujeito gerado através do *chip* da ruptura estão a serviço das Indústrias *Lumon* e tornam-se, portanto, espécie de mercadoria. Dentro do pós-humanismo crítico, Giorgio Agamben (2011), através do seu conceito de *bare life* explora a ideia de um capitalismo avançado no qual os indivíduos são reduzidos à sua existência biológica, tornando-se bens de troca. Essa perspectiva ecoa na “pirataria biológica” de Braidotti (2013) que vê a apropriação e exploração das formas de vida biológicas por corporações e instituições, sem o consentimento ou compensação adequada para os indivíduos que originalmente possuíam esses recursos. O que pode ser evidenciado, por exemplo, nas novas tecnologias de reprodução assistida, que se por um lado possibilitam a reprodução, por outro torna-se um novo mercado como será analisado na segunda seção.

Os sujeitos despojados de suas histórias e identidades privadas, têm seus corpos – e suas subjetividades – mercantilizáveis. As/Os *innies* geradas/dos estão à serviço de algo, em benefício de outrem. Essa dimensão mercantilizável ganha substância ao longo da série principalmente através da indefinição do trabalho realizado pelas/os *innies*: sentadas/os diante de um monitor, devem aglomerar os números “ruins” e colocá-los em pastas específicas no computador. Em uma determinada cena, Mark S. questiona sua superiora o que de facto as/os *innies* estariam fazendo como trabalho (ao que permanece sem resposta). Em outra cena, Helly R. e Mark S. estão conversando no trabalho quando Helly R. pergunta se estaria presa no trabalho e, afinal de contas, se alguém saberia o que eles fazem como trabalho. Devon, em outro momento, supõe que ao limparem os “números ruins”, estariam limpando o oceano. O “trabalho misterioso e importante”, como responde Mark S. à Helly R. típico do capitalismo burocrático, nunca fica claro para as personagens, estejam elas dentro ou fora das Indústrias *Lumon*.

Dessa forma, se as personagens de *Severance* ao realizarem a ruptura supostamente tornam-se livres da condição alienante do trabalho, o resultado é justamente o oposto: quanto menos consciência do trabalho que exercem e como o exercem, mais alienadas se tornam. As personagens viram meras forças de trabalho à serviço do capital, reféns da ideia de livre escolha e emancipação.

Na série, o discurso da liberdade – dissociar-se do trabalho sem sentindo – ganha força e torna-se sedutor pois também age sobre a vulnerabilidade dos sujeitos. Mark S., por exemplo, opta pela ruptura para escapar da consciência da morte de sua esposa, algo já visto em *Eternal Sunshine of the Spotless Mind* (Michek Gondry 2004) como mecanismo para lidar com a dor. No período em que está no trabalho, Mark S. foge à perda e ao processo de luto, permitindo que parte da sua subjetividade não tenha consciência de sua angústia e que durante algumas horas ele esteja livre dessa lembrança. Em uma sociedade que não tolera bem as formas de sofrimento e preza pela felicidade (Freud, 2010; Audino; Pacheco-Ferreira; Herzo, 2018), gerir o sofrimento e tornar-se produtivo (Safatle; Silva; Dunker, 2023) fazem parte das tecnologias pelas quais o neoliberalismo age. Assim, a escolha pela ruptura pode ser percebida como justificável e até mesmo louvável. É também neste sentido que a tecnologia do *chip* pode ser pensada como fer-

ramenta de controlo e manipulação dos indivíduos em prol do capitalismo avançado, servindo, como argumenta Braidotti (2013), aos interesses da sociedade neoliberal.

Em uma sequência de cenas, o *innie* de Mark S. abre uma porta dentro da *Lumon*, e a câmara foca em sua mão. A cena se altera e quando a mão ressurge novamente, ela está com ferimentos que não estavam inicialmente lá. Agora, já fora do trabalho o *outie* de Mark S. está num encontro e sua companhia pergunta: “O que aconteceu com sua mão?”, ao que ele responde: “Aparentemente me machuquei trocando um garrafão d’água no trabalho”. E completa em tom de ironia: “Bem, foi o que me disseram”. Essa sequência evidencia a suspeita por parte do personagem de que as Indústrias *Lumon* poderiam criar histórias e discursos, aos quais tanto *outies* quanto *innies* estão submetidas/os. Essa possibilidade de manipulação e criação de narrativas revela a posição de poder e o controlo que as Indústria *Lumon* adquirem sobre as/os personagens rupturizadas/os.

Figura 2-3 – Fotogramas de Severance. Apple TV+



A manipulação torna-se ainda mais evidente quando Devon, personagem do setor *Micro Data Refinement*, descobre que é possível ativar o *chip* da ruptura mesmo quando as/os funcionárias/os não estiverem no espaço da *Lumon*. Tendo sido “acordado” na casa de seu *outie* e visto seu filho (do qual não possuía memória anterior), Devon encontra-se frustrado pelo fato de estar preso no ambiente de trabalho e não poder sair e reencontrar seu filho, sendo obrigado a conviver com essa memória.

A dimensão do controlo surge também em outros aspetos, nomeadamente na construção dos espaços da série. Desde a chegada das/os *innies* até a sala na qual trabalham, as personagens caminham por estreitos corredores brancos. Outros corredores passam por salas de reuniões com portas de vidro, salas vazias, salas com arquivos e outros locais cuja função não fica evi-

dente. Nesses espaços labirínticos, nota-se ainda a presença de câmaras de segurança. Contudo, embora o ambiente de trabalho pareça extremamente vigiado, são poucas as personagens responsáveis por esse controlo e enquanto as/os *innies* são monitoradas/os por seus supervisoras/es, estas/es são controladas/os pelo *board* das Indústrias *Lumon*, aparentemente formado por um conjunto de pessoas cuja voz nunca se ouve – há somente ruídos – e que somente aparece através de ligações, sem serem vistos. O controlo em *Severance* é sentido na atmosfera da série, e é representado através do comportamento das/os personagens e materialmente através das câmaras de segurança, dos monitores de computador, dos corredores, do rádio e do ruído que indicariam a presença do *board*.

O modelo panóptico (Foucault 2008) permite pensar que a onnipresença do controlo em *Severance*, torna-se um mecanismo invisível que provoca a internalização de normas e comportamentos das/os personagens. Se em algumas cenas é possível ver as/os superiores/es de facto observando as personagens submetidas à ruptura, também se nota que as personagens passam a se comportar como se desconfiassem que estão sendo observadas e temessem a vigilância. Elas desenvolvem então estratégias para fugir ao olhar controlador: escondendo-se no armário para conversarem; caminhando pelos corredores alegando as *mental walk* às quais tem direito; escondendo livros e outros objetos. Esse estado de vigilância foucaultiano torna-se manifestamente uma forma de controlo disciplinar dos corpos.

Na contemporaneidade, as relações entre saber e poder descentralizam-se, e o poder se torna um mecanismo de gestão da vida, esquadrihando-a em todos os seus aspetos ao produzir discursos de verdade sobre os corpos (Foucault 2007). O poder torna-se biopoder (Foucault 2007) e manifesta-se em políticas e práticas que visam otimizar e controlar a vida. A tecnologia poderia ser pensada enquanto mais um mecanismo através do qual o poder e o controlo passam a agir sobre os corpos, como sugere Anne Balsamo: “*Technology names the process whereby discursive practices work interdependently with other cultural forces to produce effects at the level of the body. These effects, in turn, become part of an apparatus of control*” (1996, p. 21).

Em *Severance* as tecnologias de informação e biotecnologia são utilizadas para monitorar e regular a vida das personagens em seus diferentes aspetos: no ambiente de trabalho, na transparência de informações e no acesso às memórias. O *chip* da ruptura, enquanto promessa de liberdade e aprimoramento dos sujeitos, acaba por instaurar nas personagens uma nova tecnologia do controlo. Este acaba por ultrapassar os limites éticos do uso da tecnologia e do consentimento informado, preocupação das/os pós-humanistas que investigam acerca das interações homem-tecnologia, particularmente quando mediadas pelos interesses neoliberais, como discutido por Braidotti (2013) e Nayar “*O capitalismo trabalha através do biopoder, do controlo dos corpos. No entanto, este biopoder já se transformou numa forma de biopirataria cujo intuito é explorar a força produtiva de mulheres, animais, plantas, genes e células*” (2020, p. 191).

O biopoder em *Severance* conduz ao segundo ponto deste artigo: através de uma perspectiva crítico-feminista, investigar a utilização do *chip* da ruptura durante a vivência do parto.

O corpo em mim

Embora em *Severance* a utilização do *chip* da ruptura durante o parto não ocupe a centralidade da série nem tampouco seja essencial à narrativa, este detalhe introduz a perspectiva de gênero na análise das interações entre o ser humano e a tecnologia. Analisa-se a seguir a fragmentação da experiência do parto a partir das noções de controlo e biopoder foucaultianos, a abordagem feminista de Judith Butler, e as contribuições de Braidotti e outras feministas do pós-humanismo crítico, que trazem a materialidade do corpo como centrais para pensar o sujeito pós-humano. De volta à narrativa.

Enquanto a maior parte da trama da série se desenvolve entre as/os *innies* e as/os *outies*, paralelamente, a irmã de Mark S., Devon, que não trabalha nas Indústrias *Lumon* e tampouco passou pela ruptura é introduzida na história. Devon está grávida e próxima ao final da gestação. O parto de Devon acontece em uma espécie de vila de parto, na qual diferentes casas hospedam mulheres em trabalho de parto. Em um determinado momento, Devon sai para caminhar e vê uma mulher em uma das casas da vila. Devon entra nessa casa e conversa com a mulher também prestes a dar à luz. A mulher explica tratar-se de seu terceiro filho, e que irá chamá-lo de William. Após esse breve encontro a cena termina.

Alguns episódios depois, Devon passeia com sua bebé recém-nascida quando cruza com essa mesma mulher. A mulher não a reconhece. Devon tenta estabelecer um diálogo, relembrar o momento em que se conheceram durante o parto, mas a mulher não possui lembranças do encontro. Devon pergunta então sobre o nome do bebé, ao que a mulher responde que ele se chama Bradley. Devon comenta que ela teria alterado o nome do bebé, ao que a mulher permanece confusa. A cena encerra com a mulher saindo com o marido.

Estas duas cenas indicam que a mulher que Devon havia cruzado na vila do parto estava provavelmente fragmentada com o *chip* da ruptura e, portanto, não possuía nenhuma recordação do encontro. Intui-se, portanto, que o *chip* da ruptura das Indústrias *Lumon* parece estar sendo direcionado para outros fins.

Se na sociedade contemporânea o controlo dos corpos e a gestão da vida estão no centro da biopolítica (Foucault 2007; 2012), esse aspeto manifesta-se particularmente no contexto médico e reprodutivo. Enquanto local de saber consolidado, a medicina, aliada às tecnologias, produz discursos de verdade acerca da vida e dos corpos, ditando as melhores e corretas práticas. Contudo, como aponta Balsamo, as tecnologias utilizadas no corpo, e em especial no corpo feminino, devem ser pensadas de maneira crítica, tendo em vista sua não neutralidade “*It encourages feminists to think more complexly about the interrelations between technological devices, specialized knowledge, scientific practices, and a broader cultural context that is both historically determined in various ways and materially embodied*” (1996, p. 96).

À primeira vista, a tecnologia da ruptura poderia ser percebida como ferramenta que favoreceria a emancipação das mulheres e de seus corpos, como possibilidade de escapar das dores e do trauma inerentes ao parto. O *chip* possibilitaria às mulheres uma forma de controlo

sobre a experiência de gravidez, indo ao encontro da medicalização do corpo da mulher (Löwy 2005) e da medicalização da gestação (Barker 1998; Carneiro 2015), práticas típicas da sociedade contemporânea que promovem a gestão dos processos tidos como naturais do corpo, particularmente aqueles relacionados à reprodução.

Entretanto, o uso do *chip* da ruptura ultrapassa o discurso de liberdade e aumento da autonomia da mulher sobre seu corpo, pois retoma a ideia do controle radical do corpo e da gestão da vida (Foucault 2012). Na esteira do pensamento foucaultiano, para Haraway:

[...] as estratégias de controle aplicadas às capacidades das mulheres para dar à luz a novos seres humanos serão desenvolvidas em uma linguagem que se expressará em termos de controle populacional e de maximização da realização de objetivos, concebendo-se esses últimos como um processo individual de tomada de decisão. As estratégias de controle serão formuladas em termos de taxas, custos de restrição, graus de liberdade (2000, p. 62).

Ainda segundo Haraway, o biopoder de Foucault não seria mais suficiente para pensar as relações de poder na sociedade contemporânea. Para a autora e outras feministas, a visão de Foucault não contempla as materialidades das dimensões de gênero, nem tampouco o progresso vertiginoso das tecnologias e da informação. O avanço das tecnologias de reprodução assistida, por exemplo, pode ser pensado como mecanismo pelo qual relações de poder incidem sobre o corpo feminino:

This articulation of instruments, professional histories, and mediated discourses has created cultural conditions in which new reproductive technologies are used to discipline material, female bodies as if they were all potentially maternal bodies, and maternal bodies as if they were all potentially criminal (Balsamo 1996, p. 83).

A relação entre a tecnologia e o corpo reprodutivo seria, portanto, atravessada pela dimensão de gênero. Com o avanço das tecnologias e do neoliberalismo, o controle dos corpos geradores de vida reproduz as estruturas de poder e as relações de exploração resultantes do capitalismo avançado. Segundo Braidotti, a capacidade reprodutiva estaria no centro das tecnologias:

I argued that the bio-genetic structure of advanced capitalism reduces bodies to carriers of vital information, which get invested with financial value and capitalized. They provide the material for new classifications of entire populations on the basis of the genetic predispositions and vital capacities for self-organization (Braidotti 2013, p. 117).

Nesse sentido, é possível entender a utilização da tecnologia do *chip* da ruptura na experiência do parto como um mecanismo que reduz o corpo feminino às suas funções reprodutivas, estando à serviço dos discursos de poder. Essa utilização do *chip* da ruptura retoma a discussão da seção anterior acerca da mercantilização da vida através da perspectiva da biopirataria, dessa vez centrada nos corpos geradores de vida. Segundo Braidotti:

From a feminist perspective, however, bio-power has already turned into a form of bio-piracy in that it aims at exploiting the generative powers of women, animals, plants, genes and cells. The self-replicating vitality of living matter is targeted for consumption and commercial exploitation (Braidotti 2007, p. 70).

A ruptura, enquanto mediadora do parto, serve como ferramenta de controlo e gestão da vida, mas não em benefício – ou não somente – das mulheres que passam pelo procedimento. Em *Severance* as dinâmicas neoliberais perpetuam a exploração e o controlo sobre os corpos das mulheres, indo ao encontro das críticas pós-humanistas. Nesse sentido, o procedimento da ruptura seria utilizado como forma de gerar alguma forma de benefício para um determinado grupo – o que fica claro quando se descobre na trama que a mulher cujo parto foi rupturizado é casada com um senador que faz *lobby* para as Indústria Lumon. O *chip* reforça a manipulação da experiência de gravidez através de um discurso que promove o controlo do parto, discurso esse típico da cultura do risco (Armstrong 1995) e da medicalização dos corpos.

Portanto, em *Severance*, o avanço da interconectividade entre o ser humano e a tecnologia, além de responder aos interesses neoliberais, não escapa às lógicas hierárquicas das relações de género. Assim como em outras obras, como no romance e posterior série televisiva *The Handmaid's Tale* (Margaret Atwood, 1985; Atwood, Miller e Chang 2017-2025) e o filme *The Stepford Wives* (Frank Oz, 2004)⁴ o controlo dos corpos femininos e de sua capacidade reprodutora são levados ao extremo e acabam por representar aspetos vigentes da cultura marcados pelas desigualdades de género.

Butler em *Problemas de Género* (2003) argumenta que género e sexualidade não são categorias fixas, mas uma série de atos performativos que constroem as identidades ao longo do tempo. As performances de género implicam em atos, falas e comportamentos que produzem e reproduzem certas categorias. A autora defende a necessidade de subversão dessas categorias para que possa existir uma verdadeira emancipação dos sujeitos em posição de subalternidade, como as mulheres, pessoas racializadas e indivíduos cuja sexualidade escape à norma. Assim como as/os autoras/es do pós-humanismo crítico, Butler propõe um rompimento com o humanismo que prevê a universalização dos sujeitos a partir do referencial masculino europeu. A dimensão do corpo é também fundamental para Butler.

Trazendo o pensamento butleriano para o universo de *Severance*, é possível assumir que a vivência do parto – e a consciência do parto – faria parte dos atos que compõem, socialmente, o tornar-se mulher. A não vivência dessa experiência poderia provocar um estremecimento das categorias pré-estabelecidas homem/mulher, masculino/feminino. Dessa forma, o procedimento da ruptura colocaria em cheque essas dicotomias, deslocando as identidades tidas como fixas e possibilitando novas subjetividades alinhadas à perspectiva pós-humanista: ser mulher ultrapassaria tais dicotomias, embora a terceirização do parto provoque outras consequências.

4. E sua versão anterior de 1975 do realizador Bryan Forbes.

A “escolha” da vivência do parto através da ruptura provoca também a terceirização da dor, hierarquizando as subjetividades e fazendo com que a *innie* criada a partir do procedimento tenha a sua existência marcada única e exclusivamente pela experiência do parto. A ruptura impossibilita a *innie* das vivências da maternidade, já que a/o bebê é criada/o pela *outie*. A privação dessa convivência com a/o bebê fica implícita nas cenas descritas anteriormente, nas quais a personagem com o *chip* diz querer nomear o filho William, e depois em outra cena dizer que o nome dele é Bradley. Há uma separação entre os desejos da *innie* e aquilo que acontece no mundo exterior com a *outie*, distinção entre *innies* e *outies* que já foi explorada no artigo.

Da mesma forma em que dentro das Indústrias *Lumon* a fragmentação das/os funcionárias/os aprisiona as/os *innies* ao mundo do trabalho, a fragmentação das mulheres durante o parto indica que a *innie* acaba sendo limitada a ser um corpo à serviço da *outie*, alcançando outra camada da exploração típica da sociedade neoliberal. Através da utilização do *chip* para o parto, *Severance* leva ao limite essa exploração, tornando as mulheres reféns delas mesmas.

O controlo da vivência do parto age sobre uma das experiências que mais conecta a mulher à natureza, natureza essa que através dos séculos tem sido sistematicamente convocada à domesticação. Enquanto as estruturas neoliberais, as categorias de género e o controlo dos corpos estiverem sendo sustentados por uma estrutura patriarcal, o avanço das conexões ser humano-tecnologia seguirão pelo mesmo caminho que mantém as estruturas de poder.

Conclusão

Este artigo iniciou-se explorando a separação das consciências através do procedimento da ruptura em *Severance* e suas implicações a partir de uma perspectiva do pós-humanismo crítico. Analisou-se que a série, através de sua narrativa, traz representações das relações entre humanos e tecnologia dentro de uma estrutura neoliberal e ressaltou-se que as dicotomias entre natureza/cultura e homem/máquina se tornam fluidas na contemporaneidade, permitindo pensar os sujeitos e suas subjetividades como mutáveis, em constante *devenir*. Observou-se também que, dentro da estrutura neoliberal, o discurso de liberdade relacionado ao *chip* da ruptura contribui para a alienação dos sujeitos, sua manipulação e controlo, operando sob uma lógica de biopoder e gestão da vida.

Na segunda parte do artigo, centrou-se no facto do *chip* da ruptura estar sendo utilizado para fragmentar a vivência do parto. Entendeu-se que a tecnologia do *chip* da ruptura estremece as categorias performativas de género ao mesmo tempo em que funciona como um mecanismo de controlo das vivências das mulheres, transformando a experiência do parto. Notou-se que a alienação observada na primeira parte do artigo invade a vida privada das mulheres, alienando-as do parto e concluiu-se que o *chip* da ruptura não ocasiona uma emancipação para as mulheres, mas ao contrário: inserido em um modelo neoliberal e patriarcal, apenas reforça estruturas de género.

Finalmente, *Severance* permite pensar a constituição dos sujeitos a partir de uma perspectiva pós-humana, descentralizada. No entanto, a utilização do *chip* faz concluir que enquanto o poder estiver estruturado dentro do neoliberalismo e do patriarcado, a interconectividade entre os seres humanos e a tecnologia irá reproduzir certas estruturas de poder. O pós-humanismo crítico ao apontar para caminhos para o além do humano, propõe possibilidades de transformação dessas estruturas. As produções artísticas como *Severance*, embora extrapolem a dimensão do real, oferecem possibilidades para reflexão acerca das relações entre o humano e o não humano, bem como para pensar nos sujeitos para além de si, e quem sabe, perceber as estruturas de poder e possíveis caminhos para a subversão de certas categorias.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: Sovereign Power and Bare Life*. Stanford: Stanford University Press, 1998.
- AUDINO, T. F.; PACHECO-FERREIRA, F.; HERZO, R. O imperativo da felicidade nos dias atuais. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 49-59, jun. 2018. DOI: 10.18379/2176-4891.2018v1p.49. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912018000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2025.
- ARMSTRONG, D. The rise of surveillance medicine. *Sociology of Health & Illness: a Journal of Medical Sociology*. v.17, n. 3, p. 393-404, jun. 1995. DOI: 10.1111/1467-9566.ep10933329. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9566.ep10933329>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- BALSAMO, Anne. *Technologies of the Gendered Body: Reading Cyborg Women*. Durham and London: Duke University Press, 1996.
- BARKER, Kristian Kay. A ship upon a storm sea: the medicalization of pregnancy. *Social Science Medicine*. v.47, n. 8, p. 1067-1076, out. 1998. DOI: 10.1016/S0277-9536(98)00155-5. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953698001555?via=ihub>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- BRAIDOTTI, Rosi. Feminist epistemology after postmodernism: critiquing science, technology and globalization. *Interdisciplinary Science Reviews*. v. 32, n.1, p. 65-74, mar. 2007. DOI: 10.1179/030801807X183623. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1179/030801807X183623>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- BRAIDOTTI, Rosi. *The Posthuman*. 1. ed. Cambridge: Polity Press, 2013.
- BRAIDOTTI, Rosi. *Posthuman Knowledge*. 1 ed. Cambridge: Polity Press, 2019.
- BERNARDINO, Lígia. (org.) *Pós-humano. Que futuro? antologia de textos teóricos*. 1.ed. Ribeirão – V.N. Famacião: Húmus, 2020.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Trad.: R. Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARNEIRO, Rosamaria. *Cenas de Parto e Políticas do Corpo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.
- DELEUZE, Gilles e Guatarri, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Trad.: A. G. Neto; C. P. Costa. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In:_____. *Sigmund Freud Obras Completas. volume 18.: O mal-estar na civilização e outros textos (Obras Completas de Freud)*. Trad: P. C. L. de Souza. E-book Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 8-106.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad.: M. T. C. Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Roberto Machado (org.) 25. ed. São Paulo: Edições Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad: R. Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (org). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Trad.: T. Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

HAYLES, N. Katherine. *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. 1.ed. Chicago, Ill: University of Chicago Press, 1999.

LÖWY, Ilana. Le féminisme a-t-il changé la recherche biomédicale? Le Women Health Movement et les transformations de la médecine aux États-Unis. *Travail, genre et sociétés*. v.14, n.2, p. 89-108, 2005. DOI: 10.3917/tgs.014.0089. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-travail-genre-et-societes-2005-2-page-89?lang=fr>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MATTOS, Marcelo Badaró. *A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo*. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

NAYAR, Pramod. Revisitando o humano. Humanismos críticos. In: SOEIRO, R. G.; BERNARDINO, L.; FREITAS, M. (org.). *Pós-Humano. Que Futuro? Antologia de Textos Teóricos*. 1ed. Ribeirão-V. N. Famação: Húmus, 2020. p. 156-206.

SAFATLE, V.; DA SILVA, N.; DUNKER, C. Introdução. In:_____. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1ed. Barreiro: DARUÊ. 2023. p. 9-14.

VINT, Sherryl. *Bodies of Tomorrow: Technology, Subjectivity, Science Fiction*. 1.ed. Toronto, Buffalo: University of Toronto Press, 2007.

Filmografia

A.I. Artificial Intelligence. Dir. Steven Spielberg. Warner Bros. et al. USA, 2001.146 mins.

Black Mirror. Zeppotron, Channel 4 Television Corporation, Gran Babiéka, Reino Unido, 2011-2023.

I, Robot. Dir. Alex Proyas. Twentieth Century Fox et al. USA, 2004. 114 mins.

Severance. Ben Stiller e Aoife McArdle. Fifth Season, Red Hour Films, EUA, Apple+, 2022.

The Handmaid's Tale. Bruce Miller. Daniel Wilson Productions (Daniel Wilson Productions Inc.), The Littlefield Company, White Oak Pictures, MGM Television, Toluca Pictures, EUA, Hulu, 2017-2025.

The Stepford Wives. Dir. Franz OZ. Palomar Pictures International, Fadsin Cinema, USA, 93 mins.

Westworld. Bad Robot, Jerry Weintraub Productions, Kilter Films, EUA, 2016-2018.